

04/02/2011 às 08:30 05/02/2011 às 17:25

Artista plástica Raissa de Góes usa técnica inusitada para 'absorver' conteúdo de livro

Alice Sant'Anna



RIO — Katherine Mansfield não é a escritora preferida de Raíssa de Góes. Foi por acaso que, num belo dia, andando pela Rua Joaquim Silva, na Lapa, a artista plástica entrou num sebo e deu de cara com uma edição estrangeira de “Journal of Katherine Mansfield” (“Os diários de Katherine Mansfield”) pela bagatela de R\$ 9. O livro pareceu atender exatamente ao que ela buscava para criar seu trabalho sobre memória e esquecimento, que será exposto no Espaço Sérgio Porto, no Humaitá, ainda sem data marcada.

Ao ler a introdução, Raíssa viu que o livro havia sido publicado postumamente, por iniciativa do marido da escritora, John Middleton Murry. Depois da boa acolhida do “Journal”, foi lançado o “The scrapbook of Katherine Mansfield”, até que, em 2002, saiu nos Estados Unidos a edição completa que reúne os 53 cadernos deixados pela escritora favorita de nomes como Virginia Woolf e Ana Cristina Cesar. Como todo livro que é lançado após a morte do autor, paira no ar a dúvida se a obra foi publicada com seu consentimento ou não. Ainda mais quando se fala em diários.

O que me interessa é pensar qual é o lugar possível da memória. Você não escolhe ser marcado, porque é inconsciente, mas a memória é seletiva e deixa vestígios.

Para preservar os segredos da escritora neozelandesa, Raíssa decidiu que não leria o conteúdo integral. A solução que encontrou foi retirar, literalmente, letra por letra do livro, de modo a evidenciar que já houve algo na página, mas que agora não é mais possível ler o que havia lá. O método que ela encontrou foi “apagar” cada letra do diário de trás para a frente com ponta-seca e fitas corretivas, aquelas que eram usadas nas máquinas de escrever.

Assim, quando ela marca uma letra, o tipo fica branco na página, como que apagado. E a fita corretiva recolhe a palavra impressa. Ou seja, Raïssa está deslocando todo o texto que constava no livro para essas fitas, enroladas em carretéis enumerados. Até agora, ela já tem cerca de cem carretéis, somando meio quilômetro de texto. O processo pode ser visto no site <http://raissa.degoes.carbonmade.com> e no <http://vimeo.com/18794094>.

— O que me interessa é pensar qual é o lugar possível da memória. Você não escolhe ser marcado, porque é inconsciente, mas a memória é seletiva e deixa vestígios. Nesse trabalho, evidencio os rastros no corpo do livro, refazendo os passos que a autora fez, pegada por pegada — conta Raïssa, que tem 34 anos e cursa mestrado em Letras na PUC-Rio.

O curioso é que, toda vez que ela abre uma fita ao acaso, surge uma frase que tem total conexão com o trabalho: “I want to remember” (“Quero lembrar”) e “She had forgotten” (“Ela havia esquecido”) são alguns exemplos.

— É interessante pensar que a gente tem que construir o que vê, o que lê. Não pode ficar passivo. O leitor e o escritor estão no mesmo lugar, eles têm o mesmo trabalho, já que os dois produzem o texto.

A paixão de Raïssa pela literatura é antiga. Seu avô, o escritor e educador Moacyr de Góes, falecido em 2009, dizia que era fundamental decorar poemas. Aconselhava: “Se você quiser entender a língua portuguesa, leia Camões. Se quiser falar a língua portuguesa, leia Manuel Bandeira.” Para ela, o trabalho do diário de Katherine Mansfield e a proximidade que tem com seu avô estão intimamente ligados:

— As coisas não deixam de existir. É como uma parede que leva a marca de um quadro que já esteve pendurado ali, ou uma poltrona que guarda o peso e o formato do sujeito que sempre se sentou lá. Meu avô não existe mais e a mim resta cuidar dessas marcas na parede.

© 2006 - 2011 Todos os direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuição sem prévia autorização.